

## ADEUS À HORA DA LARGADA: QUANDO OS DIAS EM ANGOLA ERAM NOITES...

Edson Flávio Santos<sup>1</sup>

### **Ainda o meu sonho e a renúncia impossível da esperança**

Apesar da parca produção poética de Antonio Agostinho Neto, constituída apenas de 3 livros, os 76 poemas que escreveu são um grande instrumento para desvendar suas motivações ao longo da vida, seja como político, seja como poeta. Essa produção está ligada, diretamente, à história de seu país de origem, Angola, nação pela qual ele lutou até os últimos dias de sua vida.

Em meados do século passado, sob impulso do processo de descolonização iniciado no continente africano, logo depois do fim da Segunda Guerra Mundial e dos governos autoritários, ainda sob o domínio português, a sociedade de Angola passa por um profundo processo de formação e tomadas de ação de suas

---

<sup>1</sup> Docente do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPGEL/UNEMAT).  
E-mail: edsonflaviomt@gmail.com

organizações e grupos políticos que tinham como desejo comum a independência do país. Este fato deu início à luta anticolonial, com táticas de guerrilha, que se inicia em 1961 e perdurou por muitos anos.

Muitas dessas organizações políticas fundiram-se e deram origem ao MPLA (Movimento Popular para a Libertação de Angola) fundado em 1956, à FNLA (Frente Nacional para a Libertação de Angola) de 1961 e à UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola) criada em 1966.

Em Portugal, a Revolução dos Cravos de 1974 põe fim à ditadura Salazarista no país, regime consolidado por Antônio de Oliveira Salazar e continuado por Marcelo Caetano. Com isso, as tropas portuguesas começam a se retirar de Angola, esse fato dá início a outra guerra civil: a disputa armada, entre MPLA, FNLA e UNITA, para governar Angola. O MPLA declara em 11 de novembro de 1975 que Angola é um país independente. No entanto o poder colonial português só reconheceu a independência angolana em fevereiro do ano seguinte.

Ainda assim, em Angola, logo após a sua independência, os movimentos derrotados FNLA e UNITA iniciaram uma Guerra Civil que durou 27 anos e que só teve fim com a morte do líder da UNITA, Jonas Savimbi e com os acordos de paz assinados em 2002.

O MPLA continua no poder do governo angolano até hoje e teve como seu primeiro dirigente Agostinho Neto. Ainda jovem, quando escrevera seus primeiros poemas, Agostinho Neto não sabia que o futuro lhe reservaria a liderança do Movimento pela Libertação de Angola (MPLA) e tão pouco a presidência de seu país.

O governo fascista de Antonio Salazar, em Portugal, negava-se a retirar seus domínios dos países africanos e assim conceder suas independências. No entanto, os ânimos depreendidos após as duas grandes guerras mundiais e a tomada de consciência acerca da barbárie experimentada pela humanidade, corroborada pela Carta das Nações Unidas, fizeram com que os países, como Angola, que viviam sob a sombra do

colonizador Europeu, despertassem.

Assim, surge em Angola o Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA) que através da Revista *Mensagem* passa a revelar ao mundo, via produção literária, os anseios e as contestações do povo Angolano, reverberados na voz dos “novos intelectuais de Angola”, também conhecidos como Geração de 50. Entre eles, figuraram Viriato da Cruz, Antonio Jacinto e Agostinho Neto, que tinham como lema: Vamos descobrir Angola!

Nesse tempo, Agostinho Neto encontrava-se em Lisboa cursando Medicina, participando das atividades da Casa dos Estudantes do Império (CEI) e filiado ao Movimento de Unidade Democrática (MUD). Além dessas atividades, juntamente com Amílcar Cabral, José Francisco Tenreiro e outros, fundaram o Centro de Estudos Africanos, que passa a funcionar clandestinamente, tendo sido fechado pelo governo fascista em 1954. Mesmo com seus membros em atividade na CEI, está também será fechada anos mais tarde.

Cabe destaque nesse período um fato ocorrido em março de 1952, enquanto Agostinho Neto recolhia, com mais dois companheiros, assinaturas para o “Apelo para um pacto de paz”, é preso por três meses, acusado de ser “portador de panfletos subversivos”. Um fato cômico, se não fosse trágico, desse acontecimento é que, segundo o historiador Pedro Ramos de Almeida (*apud* Barradas, 2005, p 25), Agostinho Neto enquanto recolhia as assinaturas para o referido documento, na ânsia juvenil de conseguir quantas assinaturas fossem possíveis, abordava desconhecidos na rua e também em seus domicílios. Em uma dessas visitas, ao abordar um cidadão português, este pede-lhe que o aguarde uns instantes por ainda estar de pijama. Quando volta, se apresenta como policial da PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) e dá voz de prisão a Agostinho Neto.

Em liberdade, retomando as suas atividades políticas junto ao MUD, Neto é preso novamente pela PIDE onde fica retido de 1955 até 1957, primeiro na prisão de Forte de Caxias e depois transferido para Ajube, no Porto. A prisão dele juntamente com dezenas de jovens faz surgir diversos protestos no mundo

inteiro. Porém, destaca-se a manifestação através de telegramas destinados ao Presidente da República Portuguesa com pedidos de libertação do jovem Agostinho Neto. Entre os autores dessas comunicações estavam escritores importantes como: Jean-Paul Sartre, Louis Aragon, Tristan Tzara, Simone de Beauvoir, Nicolas Guillén, Diogo Rivera, Henri Lefebvre, Claude Roy, Elsa Triolet e outros. Tamanho é seu reconhecimento, que em 1957 é eleito *Prisioneiro do Ano* pela Anistia Internacional.

Tão logo, estando em liberdade, com antigos companheiros participa da fundação do MAC – Movimento Anti-Colonialista, que procurou construir um programa de ação numa estratégia conjunta com os movimentos de libertação das colônias portuguesas. No processo de luta, o MAC é substituído pela FRAIN – Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional dos Povos, que devido ao ajustamento e união de outras organizações, irão formar a CONCP – Conferência das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas.

## **A humilhação produz a revolta**

Decidido a terminar seu curso de Medicina, Agostinho Neto retoma seus estudos e forma-se em 27 de outubro de 1958 e no mesmo dia casa-se com Maria Eugênia de quem ficou noivo durante o período que esteve preso e com a qual manteve contato durante todo o tempo de reclusão. Uma vez formado, teme tomar uma decisão: seguir exilado fora de Portugal ou voltar para Angola sabendo da dor, cerceamento e perseguição que sofreria.

Sobre isso, encontramos uma declaração do também militante do MPLA, Edmundo Rocha<sup>2</sup>.

Depois de acabar o seu acidentado curso de Medicina, Agostinho Neto decide investir contra a cidadela inimiga, a Jóia da Coroa do colonialismo português. Podia ter escolhido o exílio seguro que lhe permitiria frequentar os salões intelectuais africanos, em Paris, e dali

---

<sup>2</sup> Autor do livro, *Angola: Contribuição ao Estudo da Gênese do Nacionalismo Moderno Angolano*. Lisboa: Kilombemlombe, 2003.

denunciar e combater o inimigo, como fizeram durante anos Mário de Andrade, Viriato da Cruz. Mas [...] instala-se em Luanda, em fins de 1959, como médico dos bairros pobres [...], revelando nesse acto uma grande coragem moral e física, sabendo da vigilância apertada que a PIDE exercia sobre ele” (ROCHA *apud* BARRADAS, 2005, p. 31).

Ao preferir ficar em sua Terra Natal, o autor faz uma opção muito arriscada, mas cheia de significado, pois sua ética política não lhe permitiria agir de forma diferente. Seu compromisso político e social se sobrepôs às possibilidades de uma vida mais segura. Agostinho Neto tinha plena consciência de sua decisão. Era preciso organizar a resistência ao domínio de Portugal e assim ele fez. Sabia da recepção festejada de parte da população, no entanto, também tinha noção da situação que vivia seu país. O chefe do MPLA não permaneceu apenas no centro urbano da capital, como também visitou seu interior, se fazendo muito próximo de todos os angolanos. Isto posto, sua presença em Angola não agradaria o governo português e, assim, no dia 08 de junho de 1960 a PIDE invadiu o seu consultório médico e levou-o preso alegando “atividades subversivas contra a segurança exterior do Estado” como se pode ler na ficha expedida pela PIDE e também no registro policial da época. Sobre este fato, apresenta-se um trecho de uma carta interceptada pela PIDE, de autoria de Maria da Luz Cabral Gomes da Costa Veloso, mulher do arquiteto Antonio Veloso, preso em Moçambique e que teria sido transferido para Angola, onde aguardaria para ser julgado.

Isto por cá anda muito agitado. As prisões não param. Ontem prenderam um médico preto, meu amigo, [...] Fiquei muito afita, também, porque não sei quando acabará o reino do terror. São famílias destruídas, levadas à miséria e ao desespero, filhos sem pai, sem lar, sem tranquilidade [...] O Dr. Neto estava a meio de uma consulta quando o diretor da PIDE [...] e mais outro entraram pelo consultório dentro [...] Depois levaram-no, no meio dos protestos da mulher dele, a quem também ameaçaram

de prender [...] E ao marido dela disseram: seu negro!, como se ser negro fosse um anátema. E prenderam mais cinco ou seis homens negros. Não sei onde iremos parar. [...] Sei que o cálice da amargura está a transbordar e é difícil suportar tanta dor (VELOSO *apud* BARRADAS, 2005, p. 34).

O trecho relata a atmosfera vivida em Angola desde março do mesmo ano, onde seus habitantes assistiam atônitos uma escalada de horror empreendida pela PIDE que vinha efetuando diversas prisões e que resultavam em condenações aos militantes do MPLA e seus simpatizantes. A prisão do líder do MPLA causa profunda indignação no povo que ao revoltar-se acaba sendo alvo de uma violenta ação da PIDE conhecida como “massacre de Icolo e Bengo”, no qual a repressão matou 30 pessoas e feriu mais de 200 apenas numa noite e continuando com diversas prisões no dia seguinte.

Diante destes acontecimentos, a PIDE resolve transferir Agostinho Neto para outra cidade a fim de evitar maiores manifestações. Havia um acordo de que Agostinho Neto seria posto em liberdade tão logo chegasse a Lisboa, no entanto as autoridades não cumpriram com o acordo e o presidente do MPLA permanece preso de forma preventiva e isolado na Cadeia de Ajube. Nesse período, Agostinho Neto sofre torturas, como visto, mais expressivamente referenciados, nos versos dos poemas “Assim clamava esgotado”, “Noites de cárcere” e “Aqui no cárcere”.

### **Assim clamava esgotado**

Não direi nada  
nunca fiz nada contra a vossa pátria  
mas vós apunhalastes a nossa  
[...]  
não direi nada não sei nada  
mesmo que me espanquem  
não direi nada  
mesmo que me ofereçam riquezas  
não direi nada  
mesmo que a palmatória me esborrache os

dedos  
não direi nada  
mesmo que me ofereçam a liberdade  
não direi nada mesmo que me apertem a mão  
não direi nada mesmo que me ameacem de  
morte.  
[...]

(NETO, 2016, p. 100).

### **Noites de cárcere**

[...]  
sobre um corpo fatigado de prisões  
de noites de vigília  
dos sofrimentos alheios  
do ódio escarrado no rosto pela hipocrisia

Ao lado  
alguém geme  
com os dedos debruados de sangue  
que escorre das unhas rebentadas pela  
palmatória

Pensa na vitória  
e não há sono que chegue para os seus dias de  
cárcere  
ou sonhos que lhe preencham a solidão.

Há minutos em que o mundo  
Se resume na sala de tortura

[...]  
Quem dormirá  
quando assiste ao enlouquecer do melhor  
amigo  
ali na cela ao lado  
morto o espírito pela tortura?  
[...]

No silêncio sepulcral  
das quatro paredes sem sol  
lê na bíblia  
oferta de esperança de sua mãe:  
“Bem-aventurados os que têm fome  
e sede de justiça...”

Porque deles será a pátria

e o amor do seu povo.

(NETO, 2016, p. 103-105).

### **Aqui no cárcere**

[...]

Aqui no cárcere  
a raiva contida no peito  
espero pacientemente  
o acumular das nuvens  
ao sopro da história

Ninguém  
impedirá a chuva.

(NETO, 2016, p. 106)

Os três poemas denunciam os ultrajes aos quais não só Agostinho Neto era submetido, mas também os demais presos. Os versos que evidenciam os tipos de tortura presentes no primeiro poema indicam ainda o motivo, quase sempre o mesmo, que envolve os presos, que se faça a delação dos planos, estratégias e, principalmente que se confessem seus crimes, para isso a PIDE recorria aos métodos de espancamento, suborno, palmatória e ameaças de morte.

O reiterado verso “não direi nada” remete às lembranças e relatos que foram acessados ao longo da história e leitura de mundo, onde se pode imaginar um preso na sala de tortura com seus algozes em volta lhe inquerindo. Diante das negativas e de seu silêncio a força militar, em sua maioria, espancava, oferecia riquezas, esborrachava os dedos, oferecia liberdade, ameaçava de morte...

O segundo poema “Noites de cárcere”, além de trazer no título o sentido sombrio da escuridão, faz alusão ainda a outro método de violência, a *tortura do sono*, à qual eram submetidos os presos e reconhecida nos versos “noites de vigília” e “Quem dormirá” e assim pode ser descrita: “estar de pé dias e noites ininterruptamente sem dormir, sem sequer se poder encostar. Quando se resiste a esta ordem arbitrária, é-se agredido de toda a maneira e de forma algum é possível sequer fechar os olhos

dias e noites consecutivos” (BARRADAS, 2005, p. 29).

A PIDE, no afã de forçar aos prisioneiros a darem declarações que lhe convinha a fim de, principalmente, justificar suas prisões, submetia os presos, sem cessar, a esse método de tortura, que aliado a outros acabava levando muitos deles à morte ou à loucura como encontramos no verso “ao enlouquecer do melhor amigo / ali na cela ao lado / morto o espírito pela tortura?”

Mesmo em face à dor e ao sofrimento onde o mundo se resumia “na sala de tortura”, havia lugar no peito desses homens, principalmente no de Agostinho Neto, que não perde a chama da esperança e consola seus companheiros:

Pensa na vitória  
e não há sono que chegue para os seus dias de  
cárcere  
ou sonhos que lhe preencham a solidão.

É a chama da vitória da luta pela independência que nutria o sono desses homens. É por ela que eles lutavam e se sujeitavam a estes sofrimentos todos sem traírem seus ideais, alimentados pelo dia em que, tendo “fome e sede de justiça”, poderiam ter para si “a pátria e o amor de seu povo”.

Essa mesma chama, aliada a uma espera paciente que não desanima, mas que se acumula dentro dos homens e também dentro do poeta; uma espera que contendo a raiva, “ao sopro da História / Ninguém impedirá a chuva”, como observa-se no terceiro poema.

Após reiterados pedidos junto ao ministro da Ultramar e ao governador-Geral de Angola, para que se cumprisse o que fora combinado, evitando um possível pedido de asilo político de Agostinho Neto justificado pela política, o Gabinete do ministro Ultramar decide “que deveria proporcionar ao Dr. Agostinho Neto o exercício da sua profissão em local onde os perigos anteriormente apontados pudessem ser prevenidos” (BARRADAS, 2005, p. 37).

Dias depois, juntamente com a esposa e o filho de onze meses, Antonio Agostinho Neto, sob manifestações de apoio de

dezenas de pessoas<sup>3</sup> que o esperavam no aeroporto, toma o avião que o levaria deportado para ilha de Santo Antão, em Cabo Verde, onde permanece, sob atenta vigilância da PIDE, até que em 26 de setembro de 1961 é mandado preso novamente sob alegação de possuir uma fotografia onde “se vê um grupo de militares europeus com a cabeça de um prêto espetada num pau” e que Agostinho Neto estaria mostrando a aludida foto aos que tinha contato e, assim é acusado de subversão pela polícia, pois “mais uma vez confirma a sua intenção de criar problemas, tentando, a cada momento, lançar a semente da subversão com vista à perturbação da ordem” (BARRADAS, 2005, p 74).

Até hoje esse fato é negado pela viúva de Agostinho Neto. Como as correspondências de Agostinho Neto eram inspecionadas, Eugenia Neto até hoje “está sem saber se o indivíduo que inspecionou o maço de fotografias, onde se encontrava a que procuravam, passou a adiante intencionalmente ou por negligência” (BARRADAS, 2005, p 75).

Sua prisão, mais uma vez, repercutiu em alguns jornais de maior circulação mundial durante meses<sup>4</sup>, o que serviu, juntamente com esforços jurídicos, para que as autoridades outorgassem a Agostinho Neto residência fixa em Lisboa, porém com obrigação de apresentar-se regularmente à PIDE. No entanto, a situação não o agradava e após ter negado seu pedido de autorização para mudar-se para algum país da América Latina, Agostinho Neto decide fugir de Lisboa. Fato que acontece no dia 30 de junho de 1962, tendo como destino o Tanger, no Marrocos. Depois de acolhidos pelas autoridades marroquinas seguem para Rabat onde Maria Eugenia e os filhos permanecem e Agostinho Neto segue para Léopoldville (hoje Kinshasa) onde estava situado o Comitê Diretor do MPLA.

A luta anticolonial iniciada em 1961 cada vez mais se expandia e se desenvolvia com táticas de guerrilha, crescendo do norte para o leste do país. Agostinho Neto vai, aos poucos e a partir das bases fora do país, estabelecendo uma frente

3 Muitas dessas pessoas foram presas pelo simples fato de terem demonstrado apoio ao líder angolano cf. BARRADAS, 2005, p 64.

4 O fato foi noticiado pelos diversos jornais entre eles o jornal Estado de São Paulo em 08/02/1962.

diplomática de apoio ao movimento.

Embora o contingente armado do MPLA fosse menor que os demais movimentos, foi devido aos esforços diplomáticos de Agostinho Neto, que o Movimento conseguiu atrair o apoio de diversos países africanos. Dessa forma o MPLA se fortaleceu politicamente sobre seus adversários e pode assumir o protagonismo pela luta de libertação nacional até 11 de novembro de 1975, data da independência de Angola, sendo Antonio Agostinho Neto o seu primeiro presidente.

### **Uma vida sem tréguas para o amanhecer do povo angolano**

Agostinho Neto viveu, desde a juventude, dedicado às lutas por igualdade e justiça. As ideias do jovem estudante de Medicina envolvido nas atividades da CEI e do MUD foram sendo buriladas ao longo dos anos e lhe asseguraram uma experiência política muito importante a ser desenvolvida nas alas do MPLA e seguramente quando se tornou o primeiro presidente de Angola.

O trecho do discurso abaixo revela um Agostinho Neto que se preocupou com uma sociedade livre e independente, porém, antes de tudo, preocupou-se em

lutar pelo melhoramento das condições de vida e criar condições para que essa luta se pudesse processar, se necessária.

Era necessário reivindicar uma vida econômica menos estreita, melhores salários, melhor distribuição das terras, uma justiça mais justa para recompensar o trabalho de cada um. (NETO *apud* BARRADAS, 2005, p. 60).

Só alguém que atingiu a maturidade política consegue apreender que o nivelamento social não viria apenas com a independência da nação. Sempre de postura discreta e silenciosa (BARRADAS, 2005, p. 51), o líder angolano fascinava a todos. Tamanho era esse fascínio que ao desembarcar em Angola em 04 de fevereiro de 1975, juntou-se milhares de pessoas no aeroporto de forma que o país jamais tinha presenciado tamanha comoção,

fato só comparado quando da chegada do esquife de Agostinho Neto, que morre quatro anos depois.

A privação da liberdade durante os anos em que esteve em regime de prisão (1947-1962) foram os anos em que ele escreveu a maioria dos seus poemas. No entanto a produção poética de Agostinho Neto inicia-se em 1945 e termina com o último poema datado em 1972 “Sobre o sangue ainda quente do meu irmão”

Sobre o sangue ainda quente do meu irmão  
Sacrificado pela pátria  
Construo o meu sonho de união

Sobre o sangue ainda quente da minha irmã  
Assassinada pelos carrascos  
Construo o meu sonho de unidade

Unidade cimentada pelo sangue  
União plantada sobre a terra  
Germinando no meu gesto  
Crescendo na minha voz  
Gritando no teu olhar

(NETO, 2016, p. 166).

Observamos uma estética madura, acurada pela dor, pelo sofrimento de quem luta sabendo as consequências. O título do poema é uma urgência que revela combatentes que estão juntos na hora derradeira, mas apenas o poeta sobreviveu. Uma dor que vaza para dentro do poema, mas que não apaga a força do sonho. O sacrifício de morrer pela pátria faz das utopias de Agostinho Neto terem sentido ao verem-se realizadas quando a pátria consegue a libertação. Essa certeza já crescia dentro do peito do poeta quando declara

Unidade cimentada pelo sangue  
União plantada sobre a terra  
Germinando no meu gesto  
Crescendo na minha voz  
Gritando no teu olhar

Os versos sedimentam dimensões crescentes (plantar/

germinar/crescer/gritar) que abrangem toda a mística da poética netiana onde o sangue dá volume e razão para a unidade do corpo que caminha sobre a terra no gesto aguerrido do poeta, na voz do líder que grita com os olhos. A luta agora não era mais com a poesia. O poeta dá espaço ao presidente angolano que passa a liderar uma nação liberta, no entanto, que ainda enfrenta sérios entraves para consolidar sua independência.

Agostinho Neto, devido aos afazeres burocráticos, deixa de escrever ao ser conduzido à liderança do MPLA e encerra sua produção poética ainda com pedidos de sua editora para um novo livro, que, infelizmente, sua morte veio a impedir. Como relata sua viúva, Maria Eugenia Neto.

Ele nunca teve horas vagas, por isso não escrevia. A luta da libertação, as imensas responsabilidades que assumiu na Angola independente impediram-no de escrever. Antes de morrer prometeu à Sá da Costa, que era a sua editora, um livro de poemas. Mas, escrito, tinha apenas um poema pequenino, que compôs durante uma reunião com os camaradas, antes da independência. Tinha os poemas todos a fervilhar na cabeça e no coração. Num instante passaria tudo ao papel, mas a morte não deixou. Nós publicamos os seus poemas inéditos na obra *Amanhecer*. (NETO *apud* BARRADAS, 2005, p. 124).

Mesmo que não tenha escrito poemas, Agostinho Neto deixou um legado cultural muito significativo, através dos seus discursos<sup>5</sup>, que refletem um posicionamento muito seguro acerca da produção cultural da nova nação. Como observa-se nos trechos abaixo, retirados de um discurso<sup>6</sup> proferido por ocasião da posse dos novos membros da União dos Escritores Angolanos – UEA, em 08 de janeiro de 1979 em Angola:

[...] Seria necessário longo tempo para dizer

---

<sup>5</sup>Alguns foram publicados sob o título *Ainda o meu sonho* - Discursos sobre a Cultura Nacional Lisboa, Edições 70, 1980.

<sup>6</sup> Disponível em [http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=748:discurso-dia-da-cultura&catid=48:discursos&Itemid=232](http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com_content&view=article&id=748:discurso-dia-da-cultura&catid=48:discursos&Itemid=232) acesso em 22 de janeiro de 2018

aqui que para falar para o povo angolano, é preciso ser um elemento do povo angolano. Não é questão de língua, mas de qualidade nacional.

Caros colegas e camaradas:

Se se prolonga a atitude alheia em relação ao nosso povo, não será possível Interpretar o espírito popular, saído do estudo, e da vivência. Narrar a interpretação política do momento é fácil, mas chegar ao íntimo do pensamento de várias ex-nações é-o muito menos fácil.

Vamos no entanto tentar libertar os artistas das cargas do passado e torná-los aptos para uma alta atitude compreensiva de todo este nosso processo de reconstrução de uma cultura. Desejo mais uma vez recordar a necessidade de estar com os artistas populares. Não para depois interpretar folclore mas para compreender e poder interpretar a cultura, para os produzir.

Repetir os aspectos importados de cultura, é um acto que ninguém certamente aprova. E já que tenho de exprimir uma opinião gostaria que tudo quanto fosse expresso pelos agentes mais capazes da cultura angolana, representasse o desejo e as formas de expressão do povo.

Com, o fora a independência, como o é a linha política do Partido, as formas de actuação do Executivo, e por outro lado, o será a actividade espiritual do Povo.

Sugiro aos Caros Camaradas e Colegas, que sejam aproveitadas ao máximo as condições para que os escritores trabalhem e produzam e observem cada canto do espaço geográfico nacional, vivendo a vida do Povo. As condições materiais serão sempre criadas na medida do possível, até que possamos fazer do escritor, do artista, um profissional puro da cultura ligada à realidade sociopolítico.

Por outro lado, espero que as condições criadas possam ajudar a formação de uma literatura angolana abraçando as circunstâncias políticas e principalmente a própria vida do Povo.

[...]

A Luta Continua!

A Vitória é Certa! (NETO, 1979, s.p).

Depreende-se do discurso acima um habilidoso presidente.

Seu labor poético transmutou-se para a articulação retórica necessária aos chefes de Estado que precisam ser compreendidos pelo seu povo.

Agostinho Neto não se furta de, como artista, promover a arte. Não são incomuns discursos onde ele aborda, principalmente, a literatura, mas também exortava “à indivisibilidade territorial, à criação e reforço da identidade nacional e à consciência sobre a diversidade étnica e cultural, num processo de maturação a caminho de uma cultura com carácter universalmente válido” (LARANJEIRA *apud* BARRADAS, 2005, p. 134) como observados no trecho acima.

O dístico que serve de fecho em muitos dos discursos de Agostinho Neto “A Luta Continua! / A Vitória é Certa!” além de serem gritos de guerra do MPLA são muito conhecidos em outros países como Moçambique e no Brasil e carregam o sentido de que não se pode parar e de que não se pode perder a Esperança, que é tão cara aos dias atuais e, também, tão sagrada.

## **Referências:**

BARRADAS, Acácio. *Agostinho Neto. Uma vida sem tréguas*. Lisboa/Luanda, AAA, 2005.

NETO, Agostinho. *Discurso proferido por ocasião da posse dos novos membros da União dos Escritores Angolanos – UEA*, em 08 de janeiro de 1979 em Angola. Disponível em: <[http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=748:discurso-dia-da-cultura&catid=48:discursos&Itemid=232](http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com_content&view=article&id=748:discurso-dia-da-cultura&catid=48:discursos&Itemid=232)> Acesso em: 22 jan. 2018.

NETO, Agostinho. *Obra Poética Completa*. Luanda: Fundação Dr. Antonio Agostinho Neto, 2016.

NETO, Agostinho. *Todavía mi sueño: Discursos sobre la cultura nacional*. Cuba: Ediciones Mecenaz, 2012.